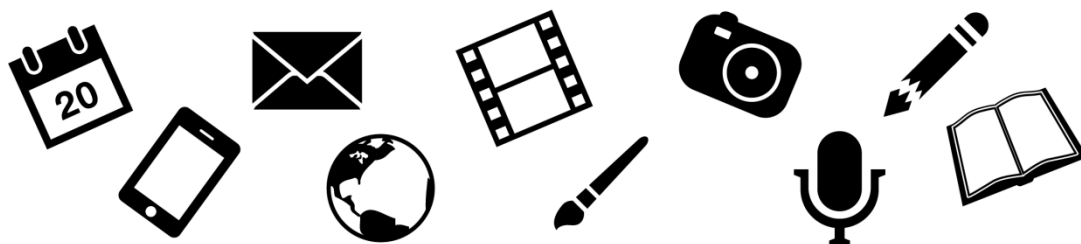




**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



Agcom
**Agência de
Comunicação
da UFSC**

06, 07 e 08 de setembro de 2014

Teatro / Wilson Galvão do Rio Apa / Montagem / A Paixão de Cristo segundo todos os homens / Quaresma / Carmen Fossari / Grupo Pesquisa Teatro Novo / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Cristóvão Tezza / Anarquista / Tetralogia / Dunas da Lagoa / Praias do Santinho e Ingleses

O anarquista itinerante

Teatro. Nos anos 70 e 80, Wilson do Rio Apa fez história dirigindo grandes montagens nas dunas da Lagoa

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@noticiasodia.com.br

Jesús estava amarrado e enfrentava um irreduzível Pôncio Pilatos, alcaide e dono da lei num século de intolerância, quando um grupo de quase 50 crianças despencou das dunas para salvar o homem cujo destino, todos sabiam, seria a crucificação. A cena não estava no script e precisou ser abortada pela plateia, extenuada (e extasiada) com o ritual em curso desde o dia anterior. O local eram as areias entre a Lagoa da Conceição e a praia da Joaquina, e a ocasião era a Semana Santa de 1978, quando o escritor e dramaturgo Wilson Galvão do Rio Apa exibiu ao ar livre, pelo quarto ano consecutivo (dois deles no Paraná), a montagem “A paixão de Cristo segundo todos os homens”. Sete mil pessoas, por baixo, assistiram ao espetáculo naquele fim de Quaresma.

Esta passagem, descrita com riqueza de detalhes, dois dias depois, pela jornalista Eloá Miranda em “O Estado”, revela um pouco da ousadia de Rio Apa, que morou durante uma década em Florianópolis e hoje vive na praia da Pinheira, em Palhoça. Ele dei-

xou marcas na Capital, mas fez muito mais do que isso numa vida dedicada à arte, com 25 livros publicados. “Ele trazia seus atores de fora, assim como a estrutura para os espetáculos, mas respeitava muito o nosso trabalho e nos procurava para conversar e conhecer o que fazíamos”, conta a diretora de teatro Carmen Fossari, que então já estava à frente do Grupo Pesquisa Teatro Novo, vinculado à UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

Durante dez anos, Rio Apa levou a montagem iconoclasta e repleta de referências ao mundo moderno para as dunas da Lagoa e às praias dos Ingleses e do Santinho. Entre os quase 300 integrantes do elenco estava o futuro escritor Cristóvão Tezza, que morava com o dramaturgo numa residência onde todos eram bem-vindos, desde que tivessem afinidade com a arte. Apa, guru de Tezza, mereceu o seguinte comentário do autor de “O filho eterno”, que escreveu sua dissertação de mestrado na UFSC, em 1987, sobre um livro do mestre: “Para um final de século tão esterilizado de sonhos como este que vivemos, as trilhas seguidas por ele permanecem vivas como um contraponto necessário que tem muito a nos dizer”.

Lucidez. Hoje, o escritor, autor de 25 obras, e dramaturgo, vive na Pinheira, onde ainda mantém ativa a escrita



“

Não será pelo estudo do folclore que se descobrirá a cultura do Povo, nem pela antropologia ou sociologia, ciência, pesquisa, método nenhum, ideologia, universidade, vivenciarão em nós a densa realidade cultural do homem da terra e do mar.

TRECHO DE “MANIFESTO DO POVO”, COO-EDITORA (1980)

”

De esgrimista a marinheiro

Anarquista assumido, na arte e na vida, Rio Apa começou rompendo com a família aristocrática quando, após concluir o curso de direito no Paraná, foi ser esgrimista e jogar futebol profissional no Água Verde, clube de Curitiba onde permaneceu apenas um ano porque “me sentia um perna de pau”. Depois, já enfiado com a cidade grande, procurou o mar e empregou-se como trabalhador braçal num navio que fazia viagens ao Oriente. Virou marinheiro, conheceu 46 cidades e chegou a ficar um mês “perdido” em Singapura. “Esse lugar se tornou alguma coisa especial para mim”, conta hoje, aos 89 anos.

Nas viagens, tomou contato com as culturas japonesa, coreana e hindu e exercitou as habilidades com o texto, como “jornalista tripulante”, fazendo mais de 50 reportagens com relatos de lugares e pessoas para “O Estado do Paraná”. A bordo, inquieto como sempre, lia Nietzsche e Schopenhauer, que ajudaram a moldar seus gostos e seu desapego das coisas materiais. Os livros vieram ao natural, e foram publicados por editoras de pequeno porte e por outras com o prestígio da Brasiliense e da José Olympio. São romances, poemas, contos, ensaios e peças de teatro que tornaram o autor uma referência

sobretudo em São Paulo, onde nasceu, e no Paraná, onde passou as fases mais efervescentes de sua carreira.

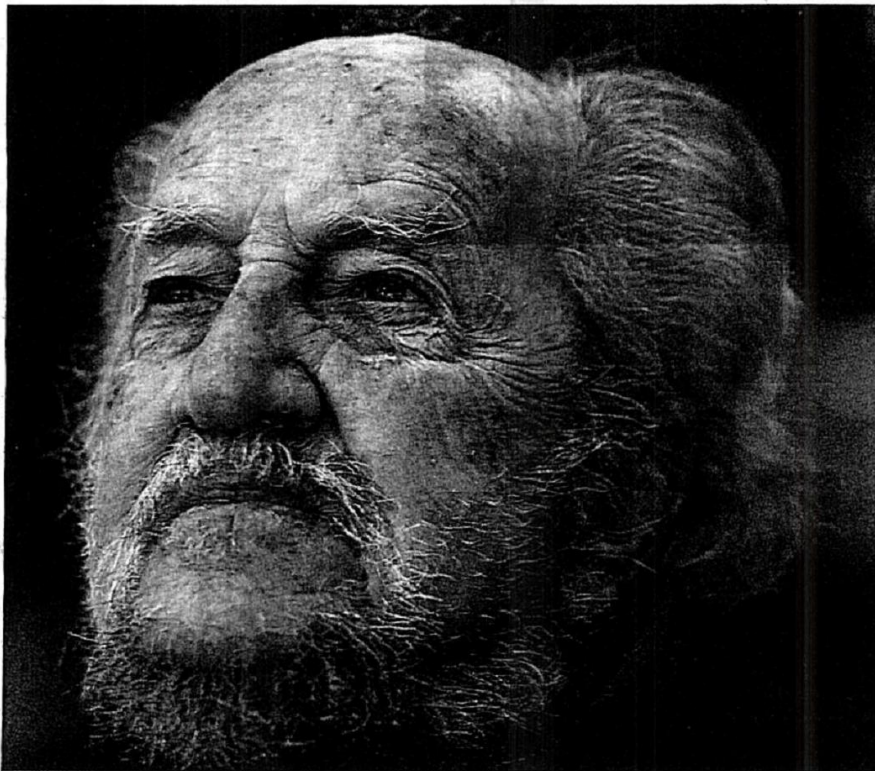
O gosto pelo isolamento, pela distância dos ruídos da cidade, levou Rio Apa a morar em diferentes ilhas e a cruzar o Brasil de motorhome. A Ilhota de Gererê, no litoral paranaense, foi uma de suas paradas, onde se amalgamou à natureza e suportou o único vizinho, “um contrabandista espanhol que matou os meus cachorros”. Contar com liberdade para escrever deu bons resultados, e ali ele gestou a tetralogia “O povo do mar e dos ventos antigos”. Depois, já casado e com dois filhos, se instalou na Ilha das Cobras, na baía de Paranaguá, onde a editora José Olympio o encontrou para propor a edição de “A revolução dos homens”. O livro era uma crítica ao regime ditatorial, e Apa foi interrogado, embora tenha conseguido continuar no paraíso que escolhera para viver.

Depois de uma curta passagem pela ilha de Cotinga, também em Paranaguá, ele se transferiu para Antonina, onde se aproximou dos pescadores e do povo que sempre considerou mais digno de respeito que os moradores urbanos. Durante cinco anos, investiu no talento artístico desses nativos, até se mudar para Florianópolis, em meados dos anos 1970.

Espectáculo de grande força emocional

A decisão de se isolar na Pinheira, onde está há mais de 20 anos, faz sentido mesmo para um paulistano nascido nas imediações da praça da Sé. “Sempre procurei nos lugares tranquilos, perto da natureza, o sossego para escrever”, diz Wilson do Rio Apa. Ali, já não travou a luta contra os intermediários que exploravam, anos antes, os pescadores da região de Paranaguá. Encontrou homens mais rudes, curtidos pela labuta no mar aberto, e por isso não teve êxito na tentativa de montar a “Paixão” com os moradores locais. “Os pescadores trazem para a terra problemas que pareciam não existir nas colônias de mar abrigado do Paraná”, afirma. “Quem sai pelo mar a fora, como aqui, ganha uma maneira de





FOTOS: MARCELO SANTINHO/AGÊNCIA

“

(...) as trilhas seguidas por ele permanecem vivas como um contraponto necessário que tem muito a nos dizer.” CRISTÓVÃO TEZZA, SOBRE RIO APA



O último alerta de um xamã

LEON DE PAULA (*)

O que mais me emocionou, nas vezes em que estive com ele, foi sua lucidez a respeito deste mundo que, habitado por seres humanos, é desabitado de humanidade. Pelas suas obras, Rio Apa nos fala de um mundo possível, outro, diverso desse em que estamos imersos, que existe e está fora do círculo vicioso sugerido (e muitas vezes aceito) por esta sociedade que decidiu ser ocidental, asséptica, uniformizadora e massacrante.

A voz de Rio Apa, através de seu trabalho artístico (seja na literatura de ficção, nos manifestos anarquistas, no teatro, no radiodrama, em roteiro de cinema, na poesia em si), me parece soar como o último alerta de um xamã para esta sociedade que está em vias de se perder completamente, enfeitada por tudo aquilo que lhe possa descaracterizar e aniquilar. (...) A iniciativa de Rio Apa possibilitou que, a partir das décadas de 1980 e 1990, o teatro realizado pelos grupos de Florianópolis apresentasse outros níveis de questionamento social-político-estético a respeito do que ocorria na própria cidade.

*Ator e autor da pesquisa de mestrado "Ecos dos sermões - A paixão segundo todos os homens", defendida no programa de pós-graduação em teatro e publicada em 2012 pela editora da Udesc

ser entre solitária e arrogante", deduz.

Da passagem por Florianópolis, Wilson Rio Apa lembra da repercussão popular e de mídia das grandes encenações que fazia, e diz que a cidade "recebeu muito bem aquela experiência". Atores e público se confundiam num ambiente que incluía tochas acesas à noite e um sol escaldante durante o dia, num cenário entre místico e deslumbrante, de grande força emocional. O espetáculo começava na quinta-feira à noite e se estendia até o final da tarde da Sexta-feira Santa, com a crucificação na hora do pôr do sol. Na época, Apa explicou à reportagem do "O Estado" o sentido daquela iniciativa: "A cada ano, procuramos o Cristo que seja uma síntese humana, porque o Cristo

que buscamos é o mundo dos homens".

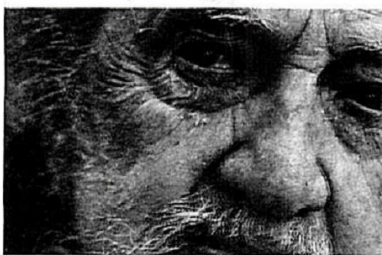
Era comum ver pessoas chorando ou carregando cruzes que a produção colocava em pontos a caminho do calvário, mesmo sem a anuência dos padres da Lagoa, que tentaram proibir o espetáculo alegando que ele tirava os fiéis da igreja num período de grande importância para os católicos. "Está errado", disse um popular ao falar da postura dos padres, "pois a Igreja hoje é aqui". A montagem, sem texto fixo e feita sobre um roteiro básico das cenas principais, provocava reações inesperadas. Rio Apa conta que, antes do início, populares chegavam a se dirigir a Jesus pedindo que ele batizasse seus filhos. Para a diretora Carmen Fossari, ele "foi fundamental naquele momento na cidade".

Descrente, mas na ativa

Se nada publicou durante os anos de Florianópolis, e se abandonou as grandes montagens, Rio Apa passa os dias escrevendo em sua casa da Pinheira. "Assalto ao palácio" é um dos livros que prepara para lançar este ano.

O escritor também prepara outros dois livros, "Considerações sobre o viver" e "O velho e a donzela", que se juntarão a mais de duas dezenas de obras já publicadas, como "A revolução dos homens", "O povo do mar e dos ventos antigos", "O menino e o presidente" (que teve 25 edições) e "No mar das vítimas", além de ensaios e peças de teatro.

Dos episódios que o marcaram, Rio Apa lembra do encalhe de um barco em Abrolhos, na Bahia, onde quase perdeu a vida, do casamento com Esther (que já morreu), do nascimento e do crescimento dos filhos Thor e Kim, que "se tornaram excelentes atores". No mais, se diz descrente com a história, as artes e a literatura. "Ainda bem que há o 'eterno retorno' de Nietzsche, que me serve de consolo", finaliza.



Qualificação / Profissionalização / Arte tradicional / Renda de bilro / Centro de Referência da Renda de Bilro / Projeto rendeiras da ilha / Preservação da História / Versos de ratoeira / Festas do divino / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Professoras da UFSC / Joana Stelzer / Marilda Todescat / Fepese / Petrobrás / Departamento de Ciências da Administração

Economia

EDITORA: Saraga Schiestl | saraga@noticiasodia.com.br | @saraga_ND

Novo valor da renda

Qualificação. Arte tradicional da Capital recebe incentivos para se manter viva

“

Meu galho de malva, meu maiorieção

Dá três pancadinhas, no meu coração

Meu galho de malva, meu buquê é de flor

Nasceste no mundo, pra ser meu amor

Faço renda e sou rendeira

Estou fazendo renda aqui

Eu sou uma das rendeiras

Que mora no Sambaqui

”

ALESSANDRA OGEDA
alessandra.ogeda@noticiasodia.com.br
@ND_Online

A sinfonia criada pelas ondas do mar, que quebram forte na orla do Sambaqui, na Ilha de Santa Catarina, se mistura com o tilintar dos bilros e com as vozes afinadas das rendeiras que trabalham e vendem as suas peças na antiga alfândega do bairro. A edificação construída em 1854, reformada e reinaugurada em 2011, ano em que um levantamento sobre a atividade apurou pelo menos 300 produtoras de renda na Capital, é um dos marcos da recente onda de valorização do trabalho dessas artesãs.

Desde 2010, quando foi lançado oficialmente o primeiro Centro de Referência da Renda de Bilro de Florianópolis, na Lagoa da Conceição, a atividade recebe lentamente uma nova dinâmica na cidade. A diferença é que agora a convergência de ações significará o ponto da virada para a profissionalização e qualificação da atividade.

Oficinas de capacitação do projeto Rendeiras da Ilha, propostas pela Fepese

(Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas) e com patrocínio da Petrobras, começam quarta-feira no grupo de rendeiras da Ponta das Canas. Elas serão as primeiras a ter aulas de relacionamento interpessoal, empreendedorismo, noções de informática, saúde da mulher, administração financeira, qualidade e exportação de produtos.

Paralelamente, a Secretaria Municipal de Cultura avança no trabalho desenvolvido nos últimos anos para a valorização da renda feita na Ilha de Santa Catarina. Na próxima semana, o secretário da pasta, Luiz Moukarzel, deve aprovar o projeto arquitetônico do novo Centro de Referência da Renda de Bilro na cidade, que será inaugurado no renovado Mercado Público.

Além disso, a secretaria capitaneada por Moukarzel incentiva a agregação de valor da produção da renda. Faz parte deste processo o estímulo à diversificação dos produtos, a criação e padronização de embalagens e etiquetas que identifiquem a renda e a sua história, e o estabelecimento de cadeias curtas entre as rendeiras e os consumidores, eliminando os atravessadores.

Unidas, elas preservam a história

Toda a cadeia produtiva da renda de bilro na ilha acontece na cidade. As rendeiras mais experientes fazem, por própria conta, segundo Maria Rosa de Paulo, da Barra da Lagoa, os cabotes e almofadas.

Até mesmo o bilro pode ser produzido pela artesã, porém é mais difícil porque demanda encontrar a madeira certa e ter um pouco de habilidade. Quem quer comprar esses itens, encontra fabricantes na cidade. Apenas as linhas e os alfinetes vêm de fora.

Durante a lida de confecção da renda, as amigas de toda uma vida, Maria da Glória Viana Soares, 64, Benta Maria do Amaral,

70, e Valdete de Jesus Lima, 80, responsáveis pelo atendimento aos turistas no Casarão do Sambaqui, contam “causos”, esbanjam alegria, vitalidade e resgatam a cantoria.

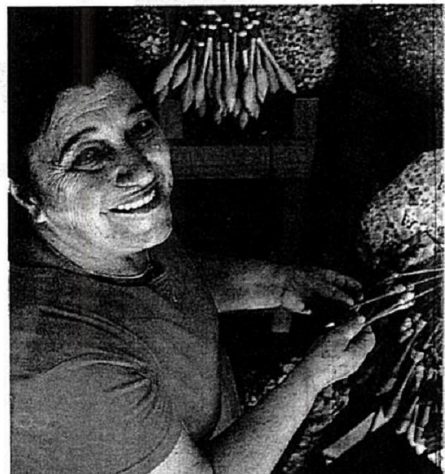
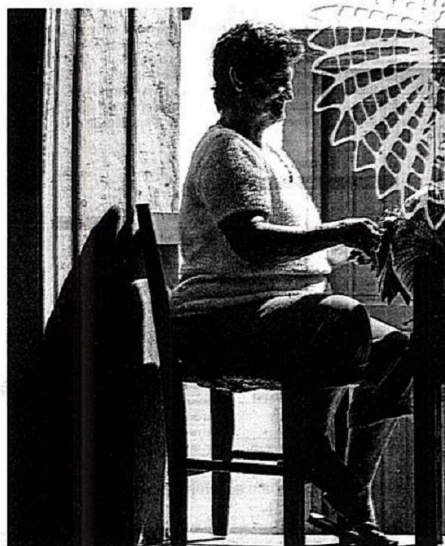
Os versos de ratoeira (tipo de canção popular) ou de canções das Festas do Divino são repassados entre gerações ou criados pela compositora principal do grupo, Valdete. “Cantar é o hábito da gente”, explica.

Valdete aprendeu a fazer renda com a mãe aos sete anos e ficou conhecida por conquistar um namorado com os versos improvisados. “Eu não queria, mas ele insistiu”, brinca. No final, ela se casou com outro.

Arte era vista como um complemento

Parece até que elas combinaram. Quase todas as rendeiras que são referência da produção na ilha compartilham da mesma história: aprenderam a arte na infância. Apesar disso, poucas acreditavam no futuro da atividade. A geração que tem hoje entre 60 e 80 anos fazia renda à noite, depois de trabalhar na lavoura ou nos engenhos de farinha e de açúcar.

O trabalho com os bilros rendia trocados para ajudar a pagar as contas da família ou para comprar vestidos e sapatos usados nos bailes. Depois de casadas, muitas largaram a arte para ganhar mais como empregadas domésticas. “A renda nunca deu muito dinheiro, no máximo, R\$ 200 em média por mês”, conta a líder do grupo de artesãs do Sambaqui, Maria da Glória Viana Soares, 64.



Desde criança. Ainda na infância, Glorinha aprendeu a profissão com a mãe

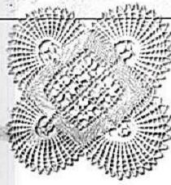


No passar do tempo

Ações de valorização da produção em Florianópolis

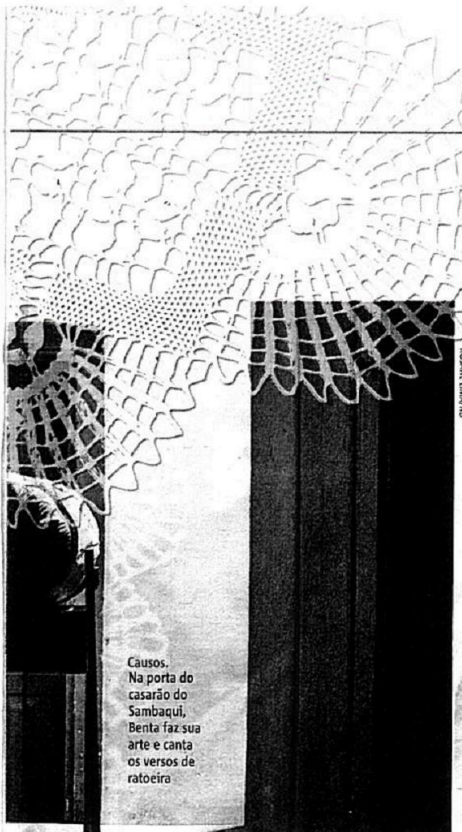


1987 o Centro Cultural Bento Silvério, conhecido como Casarão da Lagoa, começa a oferecer gratuitamente Oficinas de Arte e Educação para as comunidades. Uma das com maior destaque: é a Oficina de Renda de Bilro



2010 em março é lançado o Centro de Referência da Renda de Bilro de Florianópolis, instalado no Centro Cultural Bento Silvério, em uma parceria da Secretaria Municipal de Cultura e o Promoart (Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural) do Minc (Ministério da Cultura)

2011 um grupo de rendeiras é levado para participar do Salão do Artista Popular do Rio de Janeiro e de feiras nacionais em outros estados, como a Mercado Brasil de Rendas e Bordados, em Brasília



Cáustos. Na porta do casarão do Sambaqui, Benta faz sua arte e canta os versos de ratoeira

Maneiras de valorizar a produção local

A rendeira Benta Maria do Amaral, 70, sempre sorridente, é um exemplo da migração de atividade pela qual muitas artesãs passaram nas últimas décadas. Depois de casar, aos 16 anos, e ter o primeiro filho, ela começou a trabalhar como faxineira e largou a renda. "Fiquei 30 anos sem fazer", conta.

Desde que a associação das rendeiras foi criada no Sambaqui, há três anos, com direito a um espaço exclusivo para elas no antigo posto de alfândega, Benta retomou a arte. "Voltei porque adoro fazer renda. E também pela bagunça e diversão, porque estamos sempre 'enticando', uma com a outra e cantando", conta.

O desafio das ações desenvolvidas no município é o de agregar valor a essa produção. "Antes a rendeira pensava que teria lucro ao fazer dez peças com um novelo, que custa entre R\$ 7 e R\$ 12, vendendo cada peça por R\$ 5 ou R\$ 6. Mas ao fazer isso, ela não está agregando o verdadeiro atributo das peças que é o trabalho manual", comenta o secretário municipal de Cultura, Luiz Moukarzel.

A secretaria liderada por ele está começando a mostrar para as rendeiras que a linha é apenas um insumo básico das peças (confira na arte o custo de alguns itens do processo), mas que a criatividade, a história e o custo da mão de obra são itens ainda mais relevantes para a definição do preço. "Estamos na fase de agregar valor a essa produção porque ela é única, exclusiva, tem criatividade e valor de produção", opina o secretário.



Processo. Entre caixotes, bilros e linhas, as peças se formam nas mãos das artistas

Espaço exclusivo no Mercado Público

O começo da valorização da renda de bilro de Florianópolis passou pela destinação de espaços para que esta produção seja feita coletivamente e possa ser vendida direto para os consumidores. O primeiro lugar criado na cidade com esta finalidade foi o Centro Cultural Bento Silvério, conhecido como Casarão da Lagoa.

Em 1987, segundo comenta Carín Heloísa Hahn da Silva Machado na obra "Desde o Tempo da Pomboca - Renda de Bilro de Florianópolis", o local começou a oferecer oficinas de arte e educação, com destaque para as aulas que ensinam a renda de bilro. Mas somente em 2010 o casarão se transformou em Centro de Referência da Renda de Bilro. O segundo Centro de Referência - além

dos espaços próprios para as rendeiras no Sambaqui e no Pântano do Sul, criados em 2011 - será lançado este ano no Mercado Público, local privilegiado do Centro da cidade. "Teremos ali os produtos e as rendeiras, assim como informações culturais e um audiovisual de exibição permanente com explicações sobre a história e os tipos de renda", adianta o secretário municipal de Cultura, Luiz Moukarzel.

Depois da definição destes espaços e da exposição da produção em eventos de referência fora de Santa Catarina (confira na linha do tempo), o momento atual é o da fabricação de embalagens e etiquetas para que os produtos sejam classificados como de referência.



Assista a cantoria de um dos versos espalhados por essas páginas em um vídeo no ndonline.com.br

2011 é inaugurado o casarão que abriga o núcleo das rendeiras do Sambaqui. No local, originalmente, funcionava o antigo posto de alfândega da localidade, que foi desativado em 1964 e, posteriormente, foi reformado pela prefeitura e cedido para a Associação do Bairro Sambaqui;

2011 instalado o núcleo de rendeiras do Pântano do Sul em imóvel reformado pela prefeitura e cedido para a associação de moradores



2012 por meio da Fundação Franklin Cascaes, rendeiras participam de cursos de gestão e de exposições em eventos como o Açor, em São Francisco do Sul, no Litoral Norte

2012 o Fundo Municipal de Cultura garante a confecção de um site, de uma exposição e de uma pesquisa para livro tendo as rendeiras como temática central

Desafios para o futuro

Capacitação. Rendeiras têm oportunidade de se fortalecer

“Após ler o edital do programa Petrobras Desenvolvimento & Cidadania, com seleção pública de projetos em 2012, as professoras da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) Joana Stelzer e Marilda Todescat decidiram inscrever uma proposta de valorização para as rendeiras de Florianópolis. O projeto da Fepese nasceu no dia 16 de novembro de 2012 e, este ano, começa a sair do papel.

Laranja pequena, carregadinha de amor

Eu também sou pequeninha, carregadinha de amor

Escrevi teu lindo nome, na branca espuma do mar

Vejo uma onda-citume o teu nome apagar

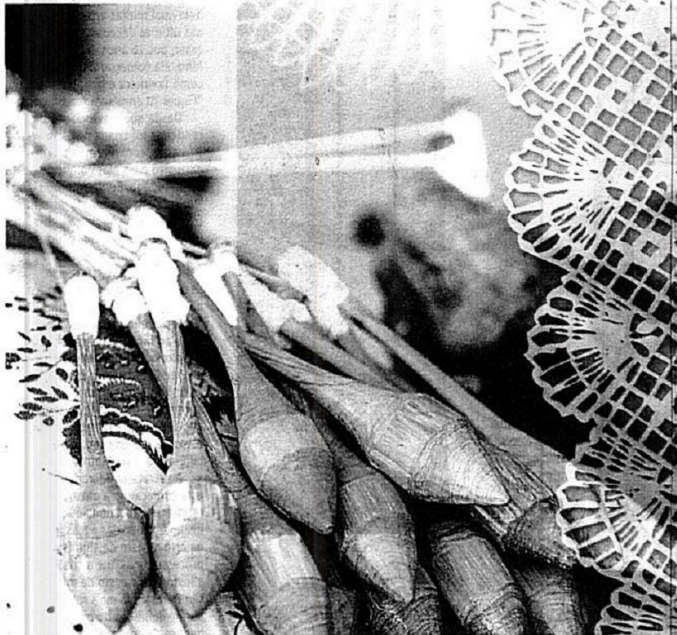
”

A proposta prevê a capacitação de 125 rendeiras com aulas divididas em oito módulos e começam a ser ministradas na próxima semana. Após a turma da Ponta das Canas, que terá a primeira aula no dia 10, será a vez das rendeiras do Pântano do Sul e da Praia da Armação participarem do projeto a partir do dia 12.

Artesãs inscritas no Sambaqui e na Lagoa da Conceição ainda terão as datas para o começo do curso definidas. Nesta segunda-feira, as artesãs atuantes na Praia do Forte serão apresentadas para a proposta em um café promovido pelas organizadoras do projeto. “Queremos melhorar a distribuição e a renda das mulheres, filhas e netas que produzem essa arte em toda a cidade”, observa a professora Joana.

Após a assinatura do contrato pela Fepese com a Petrobras em março deste ano, o Departamento de Ciências da Administração da UFSC capacitou a adequação dos conteúdos para o curso em oito coletâneas. “Esse material servirá de base para as aulas”, destaca Marilda.

Entre os objetivos do projeto está o fortalecimento e a autonomia dos grupos de rendeiras. “Nosso primeiro desafio é unificar, porque a pulverização delas enfraquece o potencial de venda do produto. Neste momento estamos estudando a melhor forma de fazer isso, se seria com uma cooperativa ou uma associação”, explica Joana.



Arte. Peças mais elaboradas exigem mais de seis dúzias de bilros, entrelaçados de par em par



Encanto. A turista francesa Justine Renard se impressiona com a qualidade das rendas produzidas na Capital

Fomento da exportação na internet

Paralelamente ao curso de capacitação, o projeto Rendeiras da Ilha prevê a criação de um site com um catálogo virtual de produtos que utilizam a renda de bilro. Em processo de elaboração, essa página quer aproximar as rendeiras dos consumidores de outros países sem depender da visita deles nas lojas específicas da Ilha. “O que queremos fazer é inserir a produção das rendeiras na exportação utilizando lojas de comércio justo fora do país”, adianta uma das coordenadoras do projeto, Joana Stelzer.

O próximo passo será contratar a consultoria de uma empresa de comércio exterior para procurar parceiros e estabelecer essa rede para a exportação da renda. Também estão sendo estudadas parcerias com a Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina, com a ArteSol (Artesanato Solidário) e com a plataforma Faces do Brasil, com sede no Rio de Janeiro.

Previsto para durar dois anos, o Rendeiras da Ilha também identificará até 15 lideranças entre as rendeiras que vão fazer a capacitação para que seja desenvolvido um plano de negócios para a atividade. Está prevista ainda a doação de computadores, impressora e o acesso à internet para as rendeiras nos pontos de venda de referência na cidade.

2013

formalizado o comodato para que as rendeiras tenham espaço garantido no Casarão do Sambaqui

2013

uma parceria com o Sesc, a Secretaria Municipal de Cultura propicia que as rendas de Florianópolis sejam inseridas em exposição temática no Sesc Belenzinho, em São Paulo, que reuniu a produção de rendeiras de diversas regiões do país

2013

parceria similar, mas com o Sebrae, garante que uma linha de produtos de um grupo de rendeiras participe da Vitrine Sebrae - feira de produtos artesanais no Beiramar Shopping

2013

rendeiras de Florianópolis participam de um intercâmbio com rendeiras do Ceará e do Sergipe

2013

é inaugurada uma loja no Casarão da Lagoa para escoar os produtos das rendeiras

Passo a passo, da avó para a neta

Poucas rendeiras têm paciência para passar a arte adiante. Mas quem se dispõe a dar aulas, como é o caso das artesãs Maria da Glória Viana Soares, a Glorinha, e Maria Rosa de Paulo, da Barra da Lagoa, não sente falta de crianças e adultos interessados.

Os projetos em desenvolvimento em Florianópolis valorizam a atividade o que, conseqüentemente, atrai os jovens. "Com a identificação deste trabalho via mapeamento da produção, atuando em lojas específicas, aumentando a possibilidade das vendas e dando visibilidade para a renda, vamos motivar a nova geração", projeta o secretário municipal de Cultura, Luiz Moukarzel.

O projeto Rendeiras da Ilha, da Fepese com recursos da Petrobras, tem o mesmo objetivo. "Melhorando a distribuição e as vendas da renda, as filhas e netas das rendeiras vão se interessar pela atividade e fazer com que a arte continue", pontua uma das coordenadoras da proposta, Joana Stelzer.

No ano passado, Glorinha teve o incentivo da Fundação Franklin Cascaes para ensinar a renda para duas turmas, uma que começou em julho, outra em novembro. Mas este ano ela não teve este apoio.

Segundo Moukarzel, os cursos estão em período de avaliação. "Estamos vendo convênios com algumas instituições para que a formação possa ser permanente", afirma.

Segundo os cálculos de Glorinha, oito rendeiras dão aula na Ilha - ela é a única no Sambaqui. Ela foi procurada pela Caixa Econômica Federal, que estaria interessada em destinar recursos para um projeto de formação de rendeiras. Uma das ideias é que Glorinha ensine a fazer renda em vídeos-aula.

Os conhecimentos de Glorinha também a levaram para fora do país. Até abril, o lugar mais distante que ela tinha visitado foi o Recife, distante 3.300 quilômetros do Sambaqui. Isso até que ela foi, acompanhada de Maria de Lourdes de Jesus, da Lagoa da Conceição, ensinar a renda de bilro para 30 alunas da Ilha de São Miguel, nos Açores, em Portugal, que fica a quase 7.700 quilômetros da casa delas em Florianópolis.

"A renda de bilro veio de lá, mas ela não existia mais na Ilha de São Miguel. Ficamos lá por um mês ensinando as pessoas que tinham interesse", explica Glorinha. O grupo que se formou após o curso mantém contato com a rendeira do Sambaqui pelo Facebook.

Capricho mundo afora

Bem frequentados por turistas de dentro e de fora do país, os casarões de renda na Lagoa da Conceição e no Sambaqui estão acostumados a comercializar o produto para diferentes latitudes. Há três anos as rendeiras Maria da Glória Viana Soares, a Glorinha, Benta Maria do Amaral e Valdete de Jesus Lima, 80, recebem os turistas no Sambaqui com cantoria, capricho no trabalho, muitas histórias e sorrisos.

De quinta-feira até domingo o espaço fica aberto para receber turistas como a francesa Justine Renard, 24, natural de Paris. Fascinada com a cultura, Justine se impressionou com o trabalho das mulheres. "Na França, não existe nada igual. Mas em Portugal, sim", descreve.

Além das peças disponíveis no mostruário, que variam de R\$ 12 (o par de brincos) a R\$ 250 (o trilha de mesa), as rendeiras trabalham com encomendas. "Produzimos vestidos sob medida para São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba. Quando há uma encomenda grande, além das dez rendeiras que fazem parte da associação, acionamos mais oito que produzem no bairro", conta Glorinha.



Historia. Empreendedora, Maria Rosa (centro) hoje dá aulas ao lado das amigas Joana (à esq.) e Aura

Exemplo de dedicação exclusiva ao trabalho minucioso

A rendeira Maria Rosa de Paulo, 71, é um raro exemplo de empreendedora que conquistou muitos bens para a família com o dinheiro obtido com a renda. Referência em ensinar o trabalho com o bilro na Barra da Lagoa, Maria Rosa dá aulas há 20 anos. Atualmente, ensina o ofício para 18 alunas com idades entre 40 e 83 anos.

Ela aprendeu a fazer renda aos oito anos de idade com a madrinha. Como as outras rendeiras de sua geração, Maria Rosa trabalhava na roça durante o dia e, à noite, fazia renda para comprar vestidos para os bailes.

Diferente das amigas, ela não precisava vender a produção baratinho para comprar mais linha. "Meus irmãos me pagavam para eu passar roupa deles e, com aquele dinheiro, eu comprava as linhas. Daí eu fazia oito ou dez rendas e vendia o conjunto, conseguindo mais dinheiro." Foi assim que ela comprou o enxoval do

casamento. O marido, pescador, queria mudar de vida, e ela o incentivou. O dinheiro do bilro e o da pesca fez com que o casal comprasse o primeiro carro, um Fusca. O veículo significou a migração do marido da pesca para a construção civil, com ele trabalhando como pedreiro.

Há 25 anos, Maria Rosa foi pioneira ao montar a primeira loja para a comercialização de renda na praia, ao lado de um restaurante. Ela vendeu bem para os turistas que forravam as praias no verão e conseguiu até comprar móveis para casa.

2014 em março a Fepese (Fundação de Estudos e Pesquisas Socioeconômicas) assina contrato com a Petrobras para desenvolver o projeto Rendeiras da Ilha. A capacitação envolvendo oito módulos de conteúdo começa a ser dada a partir do dia 10 e tem o objetivo de envolver, no total, 125 rendeiras de diferentes comunidades da Ilha

2014 as rendeiras Maria da Glória Viana Soares, do Sambaqui, e Maria de Lourdes de Jesus, da Lagoa da Conceição, ministraram entre os dias 27 de abril e 30 de maio oficinas de renda de bilro para 30 alunas na Ilha de São Miguel, em Açores, Portugal, em um projeto da Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina. No dia da formatura, foi lançado o livro "Desde o Tempo da Pomboca - Renda de Bilro de Florianópolis"

2014 a secretária municipal de Cultura assegura um espaço permanente para venda e valorização da renda de bilro no Mercado Público, com projeto do Ipxuf (Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis)

2014 instalação de um espaço próprio para a renda durante a 21ª Açor (Festa da Cultura Açoriana de Santa Catarina), promovida em agosto em Santo Antônio de Lisboa. O local utilizado foi a antiga sede da delegacia do bairro, reformada para abrigar a Casa das Rendeiras durante o evento

Fontes: assessoria de imprensa da Secretaria Municipal de Cultura de Florianópolis, obra "Desde o Tempo da Pomboca - Renda de Bilro de Florianópolis", rendeira Maria da Glória Viana Soares, professoras Mariêta Fidelescat e Joana Stelzer, coordenadoras do projeto Rendeiras da Ilha



LIVRE MERCADO
Claudio Loetz
claudio.loetz@em.com.br

Negócios & Cia.

SABADO E DOMINGO, 6 E 7 DE SETEMBRO DE 2014

Vignatti promete 300 novos policiais civis a Joinville

Antes de construir um novo hospital público regional na cidade, é preciso melhorar o atendimento do Hans Dieter Schmidt e repensar a capacidade ociosa das demais unidades de saúde. A avaliação é do petista Cláudio Vignatti, segundo

candidato ao governo do Estado a apresentar projetos e a ser sabatinado pela Associação Empresarial de Joinville (Acij), na última segunda-feira. Antes dele, os empresários ouviram o tucano Paulo Bauer, no dia 4 de agosto. Vignatti defendeu um governo que reconheça a importância

econômica de Joinville e destacou que, com o dinheiro gasto na manutenção das secretarias regionais de desenvolvimento, é possível colocar 300 novos policiais civis no município. O petista ainda garantiu que vai atuar pessoalmente, junto ao governo federal, para acelerar as obras no campus da UFSC.

Novo hospital público regional

– Antes de tudo, temos que melhorar o atendimento do Hospital Regional Hans Dieter Schmidt, que existe há 30 anos e está com diversas deficiências na infraestrutura (rede elétrica, acomodações, quartos, entre outros). Temos que dar condições para que a unidade funcione bem e fortalecer e colocar a sua capacidade em funcionamento. Há carências em várias áreas. Devemos lembrar que o setor de clínicas está em reforma e que vai ser aberta licitação para a compra de equipamentos e móveis.

Gestão da saúde

– Temos em Joinville três hospitais e uma policlínica, além de unidades de pronto atendimento (UPAs). Precisaremos repensar a capacidade ociosa e o atual problema de gestão do sistema de saúde do Estado. Tenho o diagnóstico completo em meu plano de governo. É o programa Saúde Sem Demora, que ao ser implantado, deixará a saúde mais efetiva, evitando o retrabalho e a reemissão de exames por inúmeras remarcações de cirurgias. Será priorizada a média complexidade e contrataremos mais médicos especialistas. Vamos acabar com as filas. Depois dessas primeiras e necessárias ações, discutiremos o novo hospital público regional.

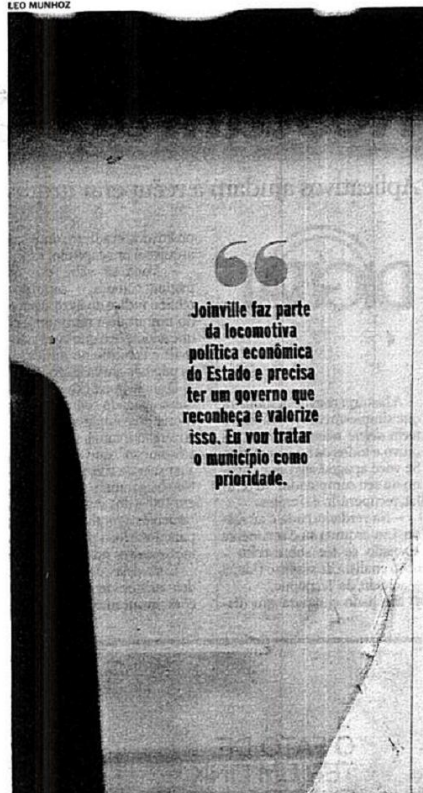
Localização

– Ao se construir um novo hospital, não precisa ser necessariamente em Joinville, mas num local à margem da BR-101, que facilite o acesso aos municípios da região Norte. Essa medida ajudaria a desafogar o processo de atendimento à população.

Duplicação de avenidas

– As duplicações das avenidas Santos Dumont, Dona Francisca e Santa Catarina têm que ser prioritárias para o governo, até para evitar a evasão das indústrias para outras localidades de fora. São vias de integração, como a Santa Catarina, que liga Joinville a São Francisco, e precisam ser encampadas pelo Estado porque os municípios não têm como bancar obras desta envergadura, principalmente as desapropriações. É possível fazer por meio do Projeto Mais Estradas, previsto em meu plano de governo, em parceria entre o município e o governo do Estado.

LEO MUNHOZ



“
Joinville faz parte da locomotiva política econômica do Estado e precisa ter um governo que reconheça e valorize isso. Eu vou tratar o município como prioridade.”

Campus da UFSC

– O campus da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) em Joinville, um sonho de décadas, já é uma realidade. Neste ano, formou-se a primeira turma de alunos do curso de engenharia da mobilidade. É necessária a implantação do campus para que as novas turmas tenham laboratórios e biblioteca adequados, assim como a instalação de uma pista de testes automobilísticos, conforme previsto no projeto original, para atender e potencializar a indústria automobilística. O que estão atrasadas são as obras dos prédios do campus definitivo, devido a alterações sugeridas posteriormente à tramitação e aprovação e, ainda, devido ao licenciamento ambiental do terreno. Novos procedimentos estão sendo tomados por autoridades locais e do governo da presidente Dilma.



SABATINA
Petista foi o
segundo candidato
ao governo ouvido
pelos empresários

Representatividade

– Joinville faz parte da locomotiva política econômica do Estado e precisa ter um governo que reconheça e valorize isso. Eu vou tratar o município como prioridade, a partir da criação do Conselho de Desenvolvimento Econômico e da Secretaria das Cidades. Joinville estará melhor representada, terá sua força econômica e política contemplada de forma diferenciada, com mais atenção, tendo qualquer ator ou entidade acesso direto e imediato ao meu gabinete.

Transporte

– Dentro do planejamento estratégico das macrozonas, o transporte coletivo será prioridade, junto com o desenvolvimento local e integrado. Teremos ações que potencializem e valorizem a mobilidade. Ao duplicar as principais estradas e rodovias, resguardaremos espaço para corredores prioritários do transporte coletivo. Vamos promover políticas de tarifas mais acessíveis, que deixarão o transporte coletivo mais atrativo.

Conselho

– Implantaremos, a partir de 1º de janeiro de 2015, uma nova gestão, muito mais dinâmica e atenta à realidade. Estas e outras ações serão debatidas no Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social, organizado em cada associação de municípios de forma deliberativa. Se aprovado, terá todo aporte e empenho do novo governo.

Mais efetivo policial

– Temos menos policiais em SC do que há 30 anos e a população praticamente triplicou. Para que as câmeras sejam efetivas, é necessário a presença de mais policiais civis e militares. Vamos ampliar o efetivo e colocar 300 novos policiais civis em Joinville, além de trabalhar a valorização, gestão e o preparo. Os recursos virão do que é gasto com a manutenção das SDRs, cerca de R\$ 275 milhões.

Atuação pessoal

– Claro que um maior envolvimento do governador ajudaria – e muito. Eu, como governador, vou operar pessoalmente a tramitação nos órgãos ambientais e no governo federal para dar maior agilidade ao processo. Vou trabalhar para a conclusão do campus da UFSC de forma a ser um novo centro educacional que atenda às demandas regionais, de acordo com os arranjos produtivos locais.

Importância

– A vinda da UFSC e a instalação de cursos do Pronatec e do Instituto Federal Catarinense, com inúmeras disciplinas técnicas, foram alguns dos fatores que favoreceram a instalação da GM, BMW e outras indústrias na região Norte.

Exemplo do Oeste

– Na região Oeste, fui autor da lei que instalou uma nova instituição, a Universidade da Fronteira Sul. Agora, coloco-me a disposição, como governador, para que futuramente seja também instalado aqui uma nova universidade federal, bem como a imediata implantação do campus para que as novas turmas tenham laboratórios e biblioteca adequados. Essa é uma de minhas prioridades.

400 câmeras de monitoramento

– São extremamente importantes para serem usadas como recursos tecnológicos no combate e na prevenção da violência. Mas é necessário mais policiamento, com homens e mulheres bem preparados, treinados e qualificados para cuidar da segurança, e com suporte de viaturas. Precisamos usar a inteligência no combate ao crime. É o Projeto Pulso Firme, em meu programa de governo.

Cursos e oficinas de arte / DAC / Departamento Artístico Cultural / Secretaria de Cultura / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

Inscrições abertas na UFSC

DAC. Cursos e oficinas de arte são oferecidos a alunos e comunidade

O DAC (Departamento Artístico Cultural) da Secretaria de Cultura da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) oferece neste segundo semestre de 2014 uma série de cursos e oficinas de arte. As aulas são abertas à participação de estudantes, servidores técnicos-administrativos, docentes da universidade e também a pessoas da comunidade que desejam participar.

As inscrições serão feitas de acordo com a oficina e ocorrerão de duas maneiras: on-line ou presencial. A inscrição on-line será reaberta conforme a disponibilidade de vagas, a ser conferida no momento de se registrar para as aulas. As inscrições presenciais, que seguem prorrogadas, deverão ser feitas na sede do DAC/Teatro da UFSC, no período da tarde, até o dia 9 de setembro, conforme o cronograma de cada oficina.

Para quem se inscrever on-line, serão ofertadas Oficina de Artes Visuais; Oficina de Fotografia; Oficina de Violão – iniciante; Oficina de Cerâmica; Oficina: Primeiros Jogos, o Ritmo (OPT); Oficina: O Corpo e o Movimento Mímico (OPT); Oficina de Curadoria, Exposições e História da Arte; e Oficina de Bonecos.

Já com inscrição presencial, são oferecidas a Oficina de Teatro para Adolescentes e a Oficina Construindo Estórias no Teatro. Os cursos e oficinas serão ministrados por profissionais do DAC e por instrutores/artistas. Ao todo, são 11 oficinas, em 14 turmas e mais de 180 vagas oferecidas.

Cada oficina do Departamento Artístico Cultural da instituição de ensino superior lida com uma forma de arte, possibilitando aos alunos uma experiência estético-pessoal ligada ao entendimento artístico. Esse objetivo colabora para criar nos alunos um senso crítico, necessário para uma melhor compreensão da sociedade.



Aulas. Cada oficina possibilita aos estudantes uma experiência estético-pessoal ligada ao entendimento artístico



O quê: Inscrições para Cursos e Oficinas de Arte do DAC
Quando: 8/9 (on-line) e 9/9 (presencial).
Onde: Online: www.dac.ufsc.br. Presencial: Teatro da UFSC, Praça Santos Dumont, Trindade

CONFIRA

Procedimentos e valores

Veja a relação completa dos Cursos e Oficinas de Arte do DAC para este semestre, com informações sobre dias e horários, ementa/resumo, currículo dos coordenadores e ministrantes, e também as informações sobre os procedimentos para inscrições, no site no link Cursos e Oficinas de Arte

Sobre as inscrições

● **On-line:** abertas hoje, das 9 às 22 horas, para: Oficina de Artes Visuais; Oficina de Violão – iniciante; Oficina de Cerâmica; Oficina: Primeiros Jogos, o Ritmo (OPT); Oficina: O Corpo e o Movimento Mímico (OPT); Oficina:

Curadoria, Exposições e História da Arte; Oficina de Bonecos

As inscrições presenciais serão feitas na sede do DAC, teatro da UFSC

● **Oficina: Construindo Histórias no Teatro** – Inscrição presencial prorrogada até o dia 8 de setembro, de segunda a sexta-feira, das 15 às 18 horas. Orientador: Alyne Arins Silva, Coordenadoras: Maris Viana e Zélia Sabino

● **Oficina de Teatro para Adolescentes** – Inscrição presencial prorrogada até o dia 9 de setembro, de segunda

a sexta-feira, das 14 às 17 horas. Orientador: Nastaja Brehsan, Coordenadoras: Zélia Sabino e Maris Viana

Sobre o valor das inscrições

● Não há mensalidade. A taxa de inscrição é de R\$ 150 e deverá ser paga no sistema bancário. Exceções: Oficina de Bonecos, cuja taxa de inscrição é de R\$ 60; e Oficina História do Teatro e Leitura Dramática, que será gratuita, mas exclusiva para quem se matricula em uma ou duas das oficinas da OPT (Primeiros Jogos, o Ritmo; O Corpo e o Movimento Mímico).

Notícias do Dia – Hélio Costa (08/09)

“Educar”

Investimento / Educação / Prevenção / UFSC / Especialização em Educação / Modalidade à distância / Pobreza e Desigualdade Social / Departamento de Estudos Especializados em Educação

Educar

Não tem jeito: é preciso investir em educação como forma de prevenção. E, para isso, temos que ter professores atentos aos problemas do país, do Estado, do bairro. Esta semana, a UFSC abriu, na modalidade a distância, o curso de especialização em educação, pobreza e desigualdade social, do Departamento de Estudos Especializados em Educação. São 400 vagas. Poderão se inscrever coordenadores do programa Bolsa-Família na Educação; diretores escolares, agentes educacionais e professores.

Casan / Companhia Catarinense de Águas e Saneamento / TCE / Tribunal de Contas do Estado / Medidas de proteção dos mananciais subterrâneos / Aquíferos Ingleses e Campeche, Lagoa do Peri / Rios Vargem do Braço e Cubatão / Agesan / Agência Reguladora de Serviço de Saneamento Básico / Qualidade da água e esgoto / Ponteiras / Lençol freático / Pesquisas da UFSC / Contaminação da água subterrânea / Crescimento populacional desenfreado

Cidade

EDITOR: Rodrigo Lima :: @rodrigolima@noticiasdodia.com.br :: @rodrigolima_ND



Nem para beber, nem para banho. Ildo Pereira, morador da Caieira da Barra do Sul, reclama da qualidade da água da Casan

Abastecimento em risco

Água. Relatório do TCE aponta que mananciais subterrâneos e superficiais estão desprotegidos

FÁBIO BISPO
fabio@noticiasdodia.com.br
@fabio_bispo_ND

A proximidade da época mais quente do ano preocupa o pescador Ildo Herúlio Pereira, 74 anos. A água que desce do Morro do Ribeirão e abastece a sua casa e demais moradias na Caieira da Barra do Sul está cada vez mais escassa. No verão, a caieira seca, e o abastecimento da Casan (Companhia Catarinense de Águas e Saneamento), que nem sempre é regular, não é a melhor opção. Sem saber até quando a água continuará brotando entre as rochas, a única certeza do pescador é a de que “a água fornecida pela Casan não é boa para beber, nem para tomar banho”.

Mas não é só no Morro do Ribeirão que a água limpa pode desaparecer. Segundo relatório do TCE (Tribunal de Contas do Estado), publicado na última semana, os órgãos competentes não têm implantado medidas de proteção dos mananciais

subterrâneos e superficiais — aquíferos Ingleses e Campeche, Lagoa do Peri e os rios Vargem do Braço e Cubatão. Isso poderá em breve comprometer o abastecimento de mais de um milhão de usuários na Grande Florianópolis.

O processo de monitoramento do TCE aponta que, das quatro medidas propostas para implantação do programa permanente de proteção das águas subterrâneas dos aquíferos Ingleses e Campeche, a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Sustentável estava cumprindo, parcialmente, apenas a que trata do cadastramento dos usuários dos aquíferos, do qual 4,1% foram cumpridos. As obras de adequação da ETA (Estação de Tratamento de Água) do Morro dos Quadros, que deveria ficar pronta este ano, se arrasta entre períodos de trabalhos e abandono das obras. Segundo a Casan, por problemas técnicos e executivos (local, solo, licenças) houve um atraso na obra e ela deve ficar pronta no final de 2015.

Não existem levantamentos capazes de

apontar a capacidade de fornecimento das reservas, que sequer foram classificadas conforme determina a legislação para que o líquido passe pelo tratamento adequado. Níveis de alumínio acima do permitido, excesso de cloro na água e até mesmo contaminação biológica foram apontadas nos relatórios mais recentes sobre a qualidade da água. O TCE ainda alerta que não existem licenças ambientais para a captação da água na maioria das estações.

Para Luiza Kaschny Borges, diretora de operações da Agesan (Agência Reguladora de Serviço de Saneamento Básico), que acompanha a qualidade da água e esgoto, o não atendimento às legislações — classificação e licenças ambientais — impedem o tratamento adequado da água captada. “Mananciais não estão enquadrados em classes como estabelece a legislação e muitas estações não têm licenças ambientais. Assim, fica impossível um acompanhamento adequado, pois cada classe tem um tipo de tratamento químico diferente”, diz.

“
Muitas estações de tratamento não têm licenças ambientais. Assim, fica impossível um acompanhamento adequado.”

”
LUIZA KASCHNY BORGES,
DIRETORA DE OPERAÇÕES
DA AGESAN

Captação alternativa sem controle

Prática comum tanto no Norte da Ilha como no Campeche, a captação através de ponteiras — retirando a água do lençol freático — é feita sem qualquer tipo de acompanhamento técnico, aumentando ainda mais as chances de contaminação das reservas. “Inexiste controle de toda a água extraída do manancial subterrâneo e se desconhece toda a carga poluidora que nele penetra”, registraram os técnicos do TCE. Uma das indicações à Prefeitura de Florianópolis era para a suspensão da captação alternativa onde houvesse fornecimento regular pela Casan, o que nunca aconteceu.

No Norte da Ilha, duas pesquisas da UFSC alertaram para a presença de coliformes totais e fecais na água das ponteiras. As pesquisas demonstram que há contaminação da água subterrânea em virtude das fossas sépticas e sumidouros e que não há controle por parte dos órgãos públicos do funcionamento destes equipamentos. Diante da natureza insular, as águas subterrâneas estão sujeitas a duas ameaças de contaminação, segundo alertaram os técnicos do TCE. Uma é a exploração além da capacidade de recarga com possibilidade de intrusão salina. A outra é a utilização de fossas e sumidouros na área de abrangência dos aquíferos pela inexistência de rede coletora de esgoto doméstico.

Este mês, a Casan deve lançar edital para fazer levantamento geofísico dos aquíferos do Norte da Ilha e Campeche. Com isso, dimensionará a capacidade de captação, evitando enjugamento, salinização e contaminação dos mananciais.

GRANDE FLORIANÓPOLIS
 Dados sobre a água na região

Municípios atendidos

- Florianópolis
- Santo Amaro da Imperatriz
- Palhoça (município) (município)
- São José
- Biguaçu

População

- Grande Florianópolis: 1.012.831
- Capital – 427.298

Ilha/consumo

- 50% - Norte da ilha
- 30% - Sul/Leste da ilha
- 20% - Centro

Sistema de abastecimento

● O sistema Pilões atualmente trabalha com uma vazão de 2.200 litros por segundo (l/s). Cerca de 70% consomem água tratada no Morro dos Quadros, captadas no rio Vargem do Braço e Cubatão. Segundo a Casan, a outorga preventiva é para captar até 5.000 litros por segundo.

● Uma das alternativas para os próximos anos pode ser a integração do sistema do Rio Tijucas no abastecimento da Grande Florianópolis.

Para atender demanda atual e futura obras estão sendo executadas

- Ampliação da ETA Cubatão de 2000 l/s para 3.000 l/s - R\$ 15.405.761,63
- Macro adutora da ponte Pedro Ivo Campos até os bairros Itacorubi e Trindade - R\$ 22.510.925,95
- Terceiro trecho da adutora de 1.200 mm (trevo de Forquinhinhas até o Angeloni) - R\$ 18.904.669,02



Captação. Turbidez da água da Lagoa do Peri aparece em diversos relatórios da Aagesan

Alumínio e contaminação biológica

Os relatórios mais recentes da Aagesan sobre a qualidade da água detectaram alumínio acima do previsto na ETA Ingleses, nas Casas de Química dos poços Ciro e Dunas Verdes, índices que foram detectados em relatórios anteriores. Segundo a concessionária, a equipe técnica da gerência operacional realiza estudo na ETA Ingleses para identificar o que está levando a apresentação de resíduos de alumínio na água.

Os resultados do laboratório contratado pelo TCE, para coleta e análises químicas da água tratada na ETA de Morro dos Quadros, na saída da ETA e em outros pontos do sistema de distribuição, indicaram que 75% e 62,5% das amostras analisadas apresentavam cloro e alumínio acima do padrão, respectivamente. Segundo a Aagesan, nos relatórios anteriores a presença de alumínio acima dos níveis indicados aparecia na maioria dos pontos da rede, o que significa que a Casan está tomando providências para regular a quantidade do metal na água.

No Rio Cubatão, os estudos apresentaram coliformes totais e *Escherichia coli*, caracterizando possível contaminação por efluentes domésticos. Na ETA Lagoa do Peri e na Casa de Química Monte Verde foi detectado cloro residual acima da faixa recomendada pelo Ministério da Saúde. Na Lagoa do Peri e na Lagoa da Conceição a turbidez aparece em diversos relatórios da Aagesan.

Nos tratamentos nas águas subterrâneas captadas no Rio Vermelho (poços Ciro, Moçambique e Dunas Verdes) e na ETA Ingleses, a água sai com pH ácido e abaixo da faixa legal (6 a 9,5), podendo causar problemas de corrosividade e agressividade nas tubulações e órgãos acessórios. Em relação ao cloro residual, nove pontos apresentaram problemas referentes à ausência de cloro: Itacorubi, Cachoeira do Bom Jesus, Praia Brava, Costeira, Caiçeira da Barra do Sul, Pântano do Sul, Lagoa da Conceição, Barra da Lagoa e Rio Vermelho.

Esgoto é ameaça aos mananciais

O crescimento populacional desenfreado também foi apontado pelo TCE como ameaça de contaminação dos aquíferos locais. Segundo auditores fiscais, as regiões que abrangem os aquíferos Ingleses e Campeche não tinham rede coletora e de tratamento do esgoto doméstico gerados pelas residências e empreendimentos localizados em cima do reservatório natural de água, resultando em riscos a esses mananciais.

Nessa direção, o TCE reiterou a determinação para que a Secretaria de Estado de Desenvolvimento Sustentável e Casan estabeleçam um programa que monitore tanto a quantidade quanto a adequação das ponteiiras e fossas sépticas (sistemas individuais de tratamento de esgoto) localizadas na região dos aquíferos Ingleses e Campeche. A Ilha de Santa Catarina tem duas ETAs que abastecem o Norte e o Sul da cidade. No Sistema Costa Norte funcionam 22 poços que captam água do aquífero Ingleses e enviam até a ETA. Já o Sistema Costa Leste Sul capta água da Lagoa do Peri e do aquífero Campeche, que tem 15 poços.

Em outubro de 2013, Prefeitura de Florianópolis e Casan deram início a vistorias pela cidade com o programa Se Liga Na Rede. Pelo menos 14 mil domicílios foram vistoriados e segundo o relatório mais recente, 59% dos imóveis vistoriados têm ligações de esgoto inadequadas. Em Ingleses, Norte da Ilha, onde está o aquífero considerado de melhor qualidade, o índice de ligações irregulares é de 80,5%.

CLIPPING DIGITAL

Notícias dia 08/09/2014

[Ranking aponta UFSC como a sétima melhor universidade do Brasil](#)

[UFSC realiza visita técnica em Curitiba](#)

[UFSC lança edital do vestibular 2015 com vagas para os cinco campi](#)

[UFSC realiza visita técnica em Curitiba](#)

[UFSC lança edital do vestibular 2015 com vagas para os cinco campi](#)

[UFSC lança edital do vestibular 2015 com vagas para os cinco campi](#)

[UFSC reabre inscrições para cursos e oficinas de arte](#)

[Ranking Folha de S. Paulo das melhores universidades do Brasil põe UFSC na 7ª posição](#)

[Primeiro Seminário de Pesquisa e Pós-Graduação da ESAG acontece com incentivo da FAPESC](#)